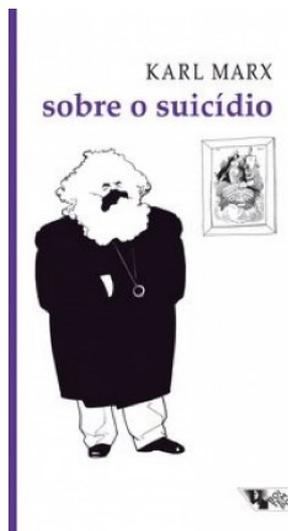


Resenha
Review

Marx e Peuchet, Peuchet e Marx... Sobre o Suicídio¹

Marx and Peuchet, Peuchet and Marx ... About the Suicide

Jean Henrique Costa²



O suicídio elimina a pior parte da dificuldade, o cadafalso ocupa-se com o resto (PEUCHET apud MARX, 2006, p. 50).

¹ MARX, Karl. **Sobre o suicídio**. Tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

² Sociólogo e Doutor em Ciências Sociais. Professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. E-mail: prof.jeanhenriquecosta@gmail.com

Este exercício de resenha apresenta a edição de 2006 do livro *SOBRE O SUICÍDIO*³, de Karl Marx – originalmente publicado na Alemanha em 1846⁴ –, obra em que o pensador alemão recupera o arquivista policial francês Jacques Peuchet para servir como exemplo de crítica radical da sociedade burguesa.

Obra curta e quase que integralmente composta por trechos do próprio Peuchet, tem em Marx mais um observador crítico, um “coautor” ativo dessa bricolagem original que denuncia as contradições objetivas e subjetivas do modo de produção capitalista. O livro tem um viés muito mais político do que teórico, sem contudo deixar de levantar uma questão metodológica básica: o suicídio não é uma questão de classe, já que está presente mesmo dentre os estratos mais abastados. Por conseguinte, sua análise não pode se reduzir a uma dimensão econômica, embora a vida material seja condição primeira – apesar disso, sem determinismo – para se compreender o problema posto por Peuchet e recuperado por Marx.

Certamente Marx foi um intelectual para além de seu tempo ao restaurar e resenhar uma obra que, quiçá não fosse por ele lida, tivesse se perdido na poeira de muitas estantes ou no limbo da história do pensamento. Assim, não bastasse sua obra-prima (*Das Kapital*) e a pluralidade de seus demais escritos econômicos, historiográficos, filosóficos e políticos, Marx ocupou-se também de dar primazia e resgatar um intelectual *outsider* e de pouco realce acadêmico: Jacques Peuchet (1758-1830). Este, transitou pela literatura, medicina, direito, administração e, por fim, pela especialidade policial, tornando-se arquivista da Prefeitura de Polícia de Paris. Escreveu, segundo afirma o próprio Marx, a *Geografia do Comércio* (1800) e a *Estatística da França* (1807), sua obra mais conhecida. Suas *Memórias* (1838), de onde Marx retira o núcleo básico desta edição, foram publicadas postumamente, evitando que Peuchet fosse incluído “entre os ‘precipitados’ socialistas e comunistas, que, como é sabido, carecem completamente da profundidade admirável e dos conhecimentos abarcantes da nata de nossos escritores...” (MARX, 2006, p. 23).

No mais, Marx abre sua introdução à Peuchet afirmando que:

³ Título original: *Peuchet: vom Selbstmord*.

⁴ A obra “*Mémoires tirés des archives de la police de Paris*”, de Peuchet, cuja contribuição biográfica Marx a cita extensamente, data de 1838 (publicação póstuma).

A crítica *francesa* da sociedade tem, em parte, pelo menos a vantagem de ter apontado as contradições e os contrassensos da vida moderna, não apenas nas relações entre classes específicas, mas também em todos os círculos e configurações da hodierna convivência e, sobretudo, por suas descrições dotadas de calor vital imediato, de uma visão rica, de uma acuidade mundana e de uma ousada originalidade, que se procurariam em vão em outras nações (MARX, 2006, p. 21).

Reconhecendo a relevância da crítica francesa acerca das condições sociais dominantes, Marx vê em Peuchet um autor que ultrapassa a mera crítica conservadora de seu tempo, percebendo as relações dominantes – que são enfermidades estruturais – para além da questão de classes.

Não é o caso apenas dos escritores propriamente “socialistas” da França, de quem se espera uma exposição crítica das condições sociais; é o caso dos escritores de todas as esferas da literatura, sobretudo dos gêneros do romance e das memórias. Em alguns trechos sobre o “suicídio”, extraídos das “*mémoires tirés des archives de la police etc. par Jacques Peuchet*”, darei um exemplo dessa crítica francesa, que ao mesmo tempo pode nos mostrar até que ponto a pretensão dos cidadãos filantropos está fundamentada na ideia de que se trata apenas de dar aos proletários um pouco de pão e de educação, como se somente os trabalhadores definhassem sob as atuais condições sociais, ao passo que, para o restante da sociedade, o mundo tal como existe fosse o melhor dos mundos (MARX, 2006, p. 21-22).

O mérito dado a Peuchet, por Marx, vem do teor crítico de seu texto, visto que realiza: a) uma crítica da ideologia segundo a qual o cotidiano das classes trabalhadoras se resumiria somente ao bem-estar material; b) uma análise do suicídio como fenômeno social geral, sendo um indicador de como a degradação do sujeito ultrapassa a questão de classe; c) uma denúncia, portanto, da vida privada como extensão da lógica desigual e contraditória do modo de produção capitalista, indo na e para além da dimensão econômica, indissociavelmente.

Em Jacques Peuchet, como também em muitos dos velhos militantes franceses [...] a crítica das relações de propriedade, das relações familiares e das demais relações privadas – em uma palavra, a crítica da *vida privada* – surge como o necessário resultado de suas experiências políticas (MARX, 2006, p. 22).

Marx, então, sai de cena e passa a palavra para o próprio Peuchet: “Ouçamos nosso arquivista da Prefeitura de Polícia de Paris a respeito do *suicídio!*” (MARX, 2006, p. 23).

O número anual dos suicídios, aquele que entre nós é tido como uma média normal e periódica, deve ser considerado um sintoma da organização deficiente de nossa sociedade; pois, na época da paralisação e das crises da indústria, em temporadas de encarecimento dos meios de vida e de invernos rigorosos, esse sintoma é sempre mais evidente e assume um caráter epidêmico. A prostituição e o latrocínio aumentam, então, na mesma proporção. Embora a miséria seja a maior causa do suicídio, encontramos-lo em todas as classes, tanto entre os ricos ociosos como entre os artistas e os políticos. A diversidade das suas causas parece escapar à censura uniforme e insensível dos moralistas (PEUCHET *apud* MARX, 2006, p. 23-24).

Peuchet reafirma que o suicídio vai além da questão de classe e tem seu fundamento na forma como se organizam estruturalmente as sociedades. Para ele, portanto, o “suicídio não é, de modo algum, antinatural, pois diariamente somos suas testemunhas. O que é contra a natureza não acontece. Ao contrário, *está na natureza de nossa sociedade* gerar muitos suicídios...” (PEUCHET *apud* MARX, 2006, p. 25). Percebe-se, pois, que há uma premissa sociológica no tocante ao problema do suicídio, já que o fenômeno entra na ordem do que é construído socialmente por meio das estruturas sociais de dominação.

Não obstante, novamente frisando este ponto central, a estrutura de dominação analisada no texto transpõe a dimensão da infraestrutura econômica. Tal estrutura se revela e se impõe na contradição entre os sacrifícios materiais e espirituais exigidos pela civilização burguesa e a não efetivação de direitos básicos do indivíduo.

Falam-nos de nossos deveres para com a sociedade, sem que, no entanto, nossos direitos em relação a essa sociedade sejam esclarecidos e efetivados, e termina-se por exaltar a façanha mil vezes maior de dominar a dor ao invés de sucumbir a ela, uma façanha tão lúgubre quanto a perspectiva que ela inaugura. Em poucas palavras, faz-se do suicídio um ato de covardia, um crime contra as leis, a sociedade e a honra (PEUCHET *apud* MARX, 2006, p. 26).

Arriscamos dizer que o trecho antecipa e faz lembrar o próprio *mal-estar na cultura* (1930) de Freud⁵, ou mesmo o conceito de *cultura afirmativa*, de Marcuse⁶ (1937), onde o indivíduo, para viver na cultura, necessita realizar enormes sacrifícios libidinais para a conformação do ego, sem, contudo, realizar-se como sujeito pleno do desejo. Daí derivariam as muitas frustrações do sujeito, sempre imerso em um mundo que castra e proíbe em nome da cultura (civilização). Peuchet observa essa constatação mesmo antes

⁵ FREUD, Sigmund. **O mal-estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre: L&PM, 2010.

⁶ MARCUSE, Herbert. Sobre o caráter afirmativo da cultura: In: _____. **Cultura e psicanálise**. Tradução de Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

de Freud e Marcuse. Tentando parafraseá-lo: vivemos num mundo de dor no qual temos que viver heroicamente para não cairmos no ato covarde de desistir da vida oferecida pelo mundo capitalista. O suicídio, as vezes, torna-se uma saída diante de uma vida privada degradada e sem sentido.

Peuchet, mesmo em um escrito de memórias de seu ofício como arquivista policial, não deixa de entender uma premissa básica do materialismo histórico, isto é, que “sem uma reforma total da ordem social de nosso tempo, todas as tentativas de mudança seriam inúteis” (PEUCHET *apud* MARX, 2006, p. 28). Para ele, o suicídio faz parte das condições gerais impostas aos indivíduos, independentemente de sua condição de classe, embora possa ser sentido mais entre os mais pauperizados.

*... o suicídio não é mais do que um entre mil e um sintomas da luta social geral, sempre percebida em fatos recentes, da qual tantos combatentes se retiram porque estão cansados de serem contados entre as vítimas ou porque se insurgem contra a ideia de assumir um lugar honroso entre os carrascos (PEUCHET *apud* MARX, 2006, p. 29).*

Assim, para Peuchet, “a classificação das diferentes causas do suicídio deveria ser a classificação dos *próprios defeitos de nossa sociedade*” (PEUCHET *apud* MARX, 2006, p. 44) que, na ausência de um futuro melhor, torna-se “o último recurso contra os males da vida privada” (PEUCHET *apud* MARX, 2006, p. 48).

Peuchet enfatiza o suicídio muito mais em uma de suas causas anômicas⁷, se pudermos usar a tipologia durkheimiana.

*Entre as causas do suicídio, contei muito frequentemente a exoneração de funcionários, a recusa de trabalho, a súbita queda dos salários, em consequência de que as famílias não obtinham os meios necessários para viver, tanto mais que a maioria delas ganha apenas para comer (PEUCHET *apud* MARX, 2006, p. 48).*

Não obstante, não significa que o autor tenha deixado de lado as demais causas do fenômeno que, como parte da luta social geral, ultrapassa a dimensão material (econômica) da vida cotidiana. Para Peuchet,

⁷ Durkheim distingue três grandes tipos de suicídio segundo suas causas: **suicídio egoísta** (motivado pelo isolamento exagerado do indivíduo perante a sociedade, implicando na ausência de laços sólidos de solidariedade com o grupo social), **altruísta** (sendo o oposto do egoísta, no qual o indivíduo está demasiadamente ligado à sociedade) e **anômico** (aquele indivíduo que não soube aceitar os limites morais que a sociedade lhe impõe). In: DURKHEIM, Émile. **O suicídio**: estudo de sociologia. Tradução de Monica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

As doenças debilitantes, contra as quais a atual ciência é inócua e insuficiente, as falsas amizades, os amores traídos, os acessos de desânimo, os sofrimentos familiares, as rivalidades sufocantes, o desgosto de uma vida monótona, um entusiasmo frustrado e reprimido são muito seguramente razões de suicídio para pessoas de um meio social mais abastado, e até o próprio amor à vida, essa força enérgica que impulsiona a personalidade, é frequentemente capaz de levar uma pessoa a livrar-se de uma existência detestável (PEUCHET *apud* MARX, 2006, p. 24).

Esse destaque dado à Peuchet é uma demonstração de que Marx transita tanto pela infraestrutura, quanto pela superestrutura para compreender o problema do suicídio, não o reduzindo a uma dimensão simplesmente econômica, como quisera atacá-lo muitos de seus acusadores.

Certamente os relatos de Peuchet, reavidos por Marx, não possuem a mesma pretensão, organização e precisão conceitual que teve Durkheim ao escrever *O Suicídio* (*Le Suicide*, 1897), mas, para Marx, o arquivista policial entendeu que o fenômeno vai muito além da trágica subtração particular de vidas, sendo, pelo contrário, um “sintoma de uma sociedade [...] que necessita de uma transformação radical” (LÖWY, 2006, p. 16). Logo, para Michael Löwy, que abre a edição da Boitempo com a introdução “*Um Marx Insólito*” (pp. 13-19), Peuchet denuncia os males da sociedade burguesa moderna que não podem ser suprimidos sem uma transformação radical da estrutura social e econômica. Neste sentido, reside o interesse de Marx em seus relatos, isto é, como crítica radical da sociedade burguesa⁹.

A obra, apesar de já constar tradução para o português desde 2006, parece não ter recebido a atenção necessária nos círculos universitários brasileiros, quem sabe pelo caráter de resenha da publicação, ou, talvez, pelo caráter quase não acadêmico de Peuchet. De toda forma, ser recomendado por Marx faz de Peuchet uma peça-chave dentre aqueles críticos – não socialistas – de nosso tempo, sendo, portanto, mais um intérprete das estruturas de dominação do capitalismo que não encerra de refinar suas formas de exploração e alienação do sujeito.

⁸ LÖWY, Michael. **Um Marx insólito**. Tradução de Maria Orlanda Pinassi e Daniela Jinkings (texto de apresentação da edição de SOBRE O SUICÍDIO).

⁹ Há na obra, ainda, um viés aberto de denúncia das desigualdades de gênero sob o domínio do dito patriarcado. Dos quatro exemplos de suicídio destacados por Peuchet, três são de vidas subtraídas de mulheres, demonstrando a lógica opressiva da ‘sagrada’ família burguesa no tocante a existência privada feminina.